

Autobiografia*

*Teolinda Gersão***

Há algum tempo um sobrinho ofereceu-me a fotocópia de um jornal do dia em que nasci. Fiquei a saber que era uma terça-feira e pude lançar os olhos pelas muitas coisas que então aconteciam no mundo: Daladier fazia um apelo ao povo francês para que resistisse perante a guerra total iminente, a campanha da Finlândia já tinha custado aos russos 100 mil baixas, dois navios neutros eram afundados por um submarino alemão, a aviação alemã fazia uma série de ataques à navegação britânica, Weygand parecia ter-se assegurado da colaboração da Turquia com os Aliados, falecia em Petrópolis D. Pedro de Orleans e Bragança, um combóio incendiava-se em Tóquio, um autocarro explodia no México, a imprensa francesa elogiava o jogo de futebol Portugal-França, Portugal, onde nada acontecia além do futebol, preparava-se para o Carnaval.

Nasci portanto durante a guerra, num país onde felizmente ela não chegou, mas onde chegavam, pelo menos, notícias.

Cinco anos mais tarde o meu pai entraria em casa anunciando, emocionado: a guerra acabou!

Repetia a frase abraçando-nos, cheio de alegria, mas eu não entendia o que se passava, a guerra era uma coisa invisível e incompreensível, sobre a qual eu ouvia histórias. Não porque mas contassem (pro-

* Publicada em Lisboa, no *Jornal de Letras, Artes e Idéias* – JL, n. 882, de 28 de Julho de 2004.

** Escritora portuguesa.

curavam, pelo contrário, esconder-mas) mas eu surpreendia-as, no meio das conversas. Por vezes a guerra aparecia inesperadamente numa só palavra deixada cair ou suspirada, como “acionamento”, ou estava em coisas que me pareciam absurdas, como lâmpadas azuis no teto ou tiras de papel coladas nas janelas.

A guerra era uma história, tal como outras, eu vivia no meio de histórias que vinham ter comigo, ou que eu perseguia, tentando entendê-las.

As conversas dos adultos eram por isso fascinantes, sobretudo as que mantinham entre si quando julgavam que eu não ouvia, e me deixavam suspensa, aterrada ou deslumbrada. Não fugia do terror (penso que, pelo contrário, me atraía), enfrentava o medo da mesma forma que enfrentava os cães bravos, quando o meu pai me dizia que não se devia mostrar medo aos cães bravos, nem desatar a correr à sua frente. Por isso eu não tinha medo das histórias, nem sequer das mais terríveis, que as criadas contavam à noite, em que entravam o diabo, a morte, almas penadas e assombrações. Por vezes fazia perguntas, mas em geral guardava-as para mim, porque preferia encontrar a resposta sozinha, ou surpreendê-la, sem que me dissessem, em outras conversas, desprevenidas, dos adultos.

Havia sempre conversas à minha volta, bastava prestar atenção. Histórias que iam e vinham e tornavam a voltar, mas não eram contadas do mesmo modo, variavam, deslizavam subrepticamente para um lado ou para outro, transformavam-se noutras histórias.

Havia personagens fundamentais, de quem tinha dependido quase tudo, e no entanto eu nunca iria ver. Como por exemplo o meu avô Tomás, que morreu antes de eu ter nascido. Com quem a minha avó viveu um casamento que foi primeiro de paixão, mas acabou num divórcio, depois de o avô dilapidar a fortuna dele e a da avó, que obrigava a ir vendendo tudo, enquanto ele fazia negócios ruins e gastava no jogo o que tinha e o que não tinha.

Não assisti a nada disso (ao contrário de Agustina), mas entendia pelo que contavam que era o inferno, ou paredes meias com o inferno. E que o divórcio da avó foi considerado um escândalo pela sociedade

não seria grave se ela não fosse filha do lente da Faculdade de Medicina de quem o meu pai era assistente. O lente sentiu-se logo mal assistido e despediu o meu pai, a quem de nada valeu ter sido o melhor do curso, concluído com dezoito valores, e ter provavelmente muito mais inteligência que o mestre. *Magister dixit*. Saiu e perdeu a carreira. Mas pela minha mãe ele perderia de boa vontade tudo o que tivesse, e ficaria a ganhar.

A minha mãe achava que se podia resistir e sobreviver, mesmo com o mundo inteiro contra nós. Pelo menos ela tinha tido a experiência de viver assim, antes e depois do divórcio da avó.

Falo de tudo isto porque é aqui que eu começo. Sou um ponto de intercessão de muitas vidas e, se me tornei escritora, é por causa de todas elas. Se por exemplo herdei do meu pai a paixão da escrita, aprendi com a minha mãe que se pode viver com o mundo inteiro contra nós. Não sei, para escrever, qual dessas coisas me foi mais útil.

Os livros, portanto, e a escrita, já estavam lá, na vida da família, antes de fazerem parte de mim. Os livros estavam na casa, como as camas, as mesas ou outras peças de mobília. Ou como a fruta, a água, o pão. Pertenciam ao quotidiano, aos objetos de consumo essencial, para os quais tinha sempre de haver dinheiro, porque não se podiam dispensar (outras coisas, sim).

Aprendi a ler cedo, em casa, sem quase ter consciência da aprendizagem. Escrever parecia-me igualmente óbvio, porque o meu pai também escrevia contos e poemas, e comecei portanto a escrever, nas agendas clínicas que ele me deixava usar.

Tenho gratas recordações dessas agendas. Eram facilmente manuseáveis, agradáveis ao tacto, com capas castanhas, pretas ou azuis. Não as escolhia pela cor da capa, mas de acordo com o tamanho previsível da história a contar: o tamanho da agenda devia estar de acordo com o tamanho da história. Mas à medida que escrevia verificava que não coincidiam: sobrava agenda, ou sobrava história, o tamanho de uma não se compadecia com o da outra, o que me deixava desesperada, colecionando agendas, sempre à espera que uma tivesse finalmente o ta-

bem nascida e bem pensante e ela se viu sozinha, com três filhos e sem dinheiro, em ruas que, se não eram exatamente as da amargura, eram pelo menos bem amargas.

O que não matou, apesar de tudo, a paixão. O avô não conseguia separar-se da avó, nem ela dele, e foi em casa da avó que ele foi morrer.

A avó tinha orgulho em mostrar-nos os retratos, porque o avô era um belo homem. Sedutor, dizia a avó, até à ponta das unhas. Essa avó viveu longos anos, quando morreu já eu era adulta, e tive portanto tempo de ouvi-la esquecer cada vez mais o inferno e transformá-lo em paraíso, como nas histórias da infância uma coisa se transforma magicamente em outra. Mas nessa altura eu já sabia que o amor era um filtro que transformava as coisas e ela falava do amor.

Enquanto a outra avó não falava, apenas dizia coisas sem importância. Mas falava de desamor, se falasse.

Ao contrário do avô Tomás, que nunca trabalhou e achava o trabalho indigno, o meu outro avô tinha um ofício, aliás dois: era farmacêutico e professor primário numa aldeia. E também caçador nas horas vagas. E também *bon vivant* e bom amante – tinha fama de correr atrás de todas as mulheres, que quase sempre se deixavam apanhar.

Mas, de tanto apanhar as outras, deixou fugir a minha avó, que se refugiou numa indiferença que foi estendendo a tudo o que mais amava, incluindo os seis filhos que teve e os netos que chegaram depois. Tenho poucas recordações dessa avó, que morreu quando eu era criança, mas de quem ouvi contar muitas histórias. No lugar dela recordo a velha e analfabeta criada da casa, a quem sempre chamamos “Ti Maria”, que foi, simbolicamente, a minha avó paterna, e a quem ficamos a dever um sem número de coisas, porque ela não só manteve de pé e organizada uma família à deriva, como serviu de mãe às crianças da casa. O meu pai, que era médico e a tratou até ao fim, dizia, depois da morte dela, que a tinha amado tanto como à minha avó. Mas eu sabia que não era verdade. Ele tinha-a amado muito mais.

O meu pai era um homem de paixões. A paixão pela minha mãe valeu-lhe perder uma carreira. Deixou por ela outra namorada, o que

manho exato. Não me passava pela cabeça que se podia escrever em folhas soltas, e fazer o livro depois. A forma do livro pré-existia, achava eu. Escrivê-lo era preencher essa forma já feita.

As personagens vinham ter comigo, estavam em toda a parte. Eram por exemplo figuras de prospectos de propaganda médica, coloridas e em várias qualidades e texturas de papel.

Olhava-as, juntava-as ou separava-as, imaginando quem eram e o que fariam. Preferia sempre vê-las em perspectiva, por isso as recortava e reorganizava de outros modos no espaço.

Não sabia que começava precisamente aí a minha relação com o teatro. Que continuava por exemplo num teatrinho de fantoches que recebi uma vez, de prenda de Natal. Ou numa caixa a que se abria a tampa e um boneco de mola saltava, com grande efeito dramático (achava eu).

Mas o teatro também vinha ter comigo de outros modos: uma tia irmã do meu pai escrevia peças infantis, que às vezes eram representadas no liceu. Recordo-me de que uma vez ela escreveu uma peça para adultos e a leu em casa, para um grupo de convidados, o que achei terrivelmente emocionante. Não dei grande atenção ao enredo, acho que nem ouvi as palavras, mas fiquei absolutamente fascinada porque a casa, de repente, era um teatro, com todos nós lá dentro. Incluindo as criadas que entravam e saíam da sala servindo café. Tudo, incluindo o intervalo, era teatro, e todos nós personagens. O que quer que fizéssemos ou disséssemos, sem qualquer hipótese de fuga. O que foi para mim uma revelação tão espantosa como *O grande teatro do mundo*, de Calderon, encenado no Citac por Vitor Garcia, muitos anos depois, no Teatro Avenida.

Contos largos, que agora não tenho tempo de contar.

Quero ainda referir que tudo isso se passava em Coimbra, cidade com que sempre me senti em desacordo, porque tinha um rio muito pequeno, que ainda para mais secava no Verão, e não tinha mar.

Havia as férias na Figueira da Foz, praia de vento frio e de mar bravo, e mais tarde, na adolescência, as férias em São Martinho.

Havia a luminosa escola primária, a prisão do liceu, e depois a universidade, e as universidades alemãs, que pertenciam a outro lugar chamado Europa, de que Portugal não fazia parte. Durante 34 anos da minha vida, houve uma ditadura. E depois o seu fim.

E houve a descoberta de África, numa viagem com o Teuc a Cabo Verde, e mais tarde algum tempo em Moçambique, sobretudo em Lourenço Marques, e o Brasil, onde vivi dois anos. Revelações de outros mundos, fascinantes.

Havia a música, o piano que aprendi por *hobby*, sabendo que não era esse o meu caminho e nunca seria uma boa executante, e no entanto não conseguia largar, porque a música fazia também parte de mim. Ainda hoje tenho uma clavinova com auscultadores (ninguém tem que ser sacrificado a ouvir-me), e me concentro a decifrar partituras com o mesmo prazer que tenho ao ler um livro.

Havia as casas. A da infância, pequena como uma caixa de sapatos, mas com jardim, abelhas e glicínias. A dos avós paternos, onde a família se juntava nas festas, a da adolescência que dava para um adro de igreja e ficava ao pé de um cemitério onde as pessoas tinham medo de passar à noite.

Havia Torga e Nemésio, que, para além de outras razões mais ponderosas, me “pertenciam” também por razões enviesadas: Torga porque morava perto de mim e vinha para casa no mesmo elétrico do que eu, Nemésio (que eu via menos, porque se mudara para Lisboa, mas nos visitava às vezes), porque tinha um filho afilhado de uma das minhas tias, que lhe dera o mesmo nome do meu pai.

Mas tudo isso seriam contos largos. Que talvez fiquem para contar um dia.